

Collor faz ao vivo videoclip político

São Paulo — Carla Rio



Collor: com efeitos especiais

Ricardo A. Setti

O imponente jato Challenger prefixo N102ML, da Líder Táxi Aéreo, está manobrando para decolar do aeroporto de Ilhéus, na Bahia. São 23h30 de uma noite agradável de céu estrelado, e Fernando Collor de Mello, candidato favorito à Presidência da República, está encerrando seu 164º dia de uma febril, devastadora campanha eleitoral. Ele já voou, hoje, mais de 1.500 quilômetros, tem mais 1.000 pela frente, fez cinco comícios e seis carreatas no Oeste baiano, trocou de roupa quatro vezes, rodou 156 quilômetros de estradas, caminhou pelo menos nove quilômetros e ainda não

fez nenhuma refeição decente, mas pouco dá sinal disso.

Minutos depois, já em velocidade de cruzeiro, Collor pede à aeromoça um chá com bolachas cream cracker. Como sempre, senta na parte de trás do Challenger, ao lado da mulher, Rosane, que frequentemente viaja à janela. Os demais nove lugares do avião estão ocupados. Entre outros, ali vão passageiros invariáveis, como os dois seguranças pessoais, o tenente Dario César Corrêa e o sargento Luís Amorim, licenciados da PM de Alagoas, e o secretário Celso Freitas Cavalcanti.

Collor, contrariando a prática, não aproveita o vôo para

dormir. Mais tarde recorre a outro hábito: depois de um dia duro, um uísque sem gelo, caubói. A comitiva chega a Brasília à meia-noite e meia. No desembarque, rápido, Collor engana seus assessores, senta-se ele mesmo ao volante do Santana que foi esperá-lo e, tendo só Rosane no carro, arranca pela noite rumo a sua casa no Lago Norte.

O padrão Collor de campanha termina o dia com um fecho adequado para quem, entre outras proezas, pulou uma janela para entrar num aeroporto e, no meio de uma carreata empacada, saltou para a garupa de uma moto desconhecida. (Continua na página 3)